



ISOTANI, Mina. O romance épico Musashi – o resgate do herói. In: *Revista Épicas*. Ano 3, N. 5, Jun 2019, p. 1-15. ISSN 2527-080-X.

O ROMANCE ÉPICO MUSASHI - O RESGATE DO HERÓI

THE EPIC NOVEL MUSASHI – THE RESCUE OF THE HERO

Mina Isotani
(UFPR)

Resumo: Takezu, futuro Musashi, guerreiro mítico construído a partir do confronto de Sekigahara (1600), batalha considerada o marco para o início da Era Edo (1603 -1868), governo comandado pelos Samurais no Japão. O romance histórico ficcional de Eiji Yoshikawa *Musashi* (1998) constrói e populariza a figura do herói nipônico, cujo caminho, ética e valores seguiam estritamente o código do *Bushidô*. Essa obra pode ser considerada uma epopeia Moderna, na qual o caminho da personagem marca a trajetória e o resgate do herói. Pensando no *Herói de Mil Faces* (1989), de Joseph Campbell e no manual *Hagakure: the book of the Samurai* (1979), de Tsunetomo Yamamoto, o presente artigo visa traçar a presença do épico na literatura japonesa através da jornada do guerreiro errante até a sua aclamação como símbolo da cultura do samurai.

Palavras-chave: Samurai, resgate do guerreiro, literatura japonesa, Musashi.

Abstract: Takezu, future Musashi, mythical warrior built from the confrontation of Sekigahara (1600), battle considered the milestone for the beginning of the Edo Era (1603 -1868), government run by the Samurai in Japan. Eiji Yoshikawa *Musashi's* fictional historical novel (1998) builds and popularizes the figure of the Japanese hero, whose path, ethics and values strictly followed the Bushido code. This work can be considered a Modern epic, in which the character's path marks the hero's trajectory and redemption. Thinking of Joseph Campbell's *Hero of a Thousand Faces* (1949) and Tsunetomo Yamamoto's *Hagakure: the book of the Samurai* (1979) manual, this article aims to trace the epic's presence in Japanese literature through the wandering warrior's journey to its acclaim as a symbol of samurai culture.

Keywords: Samurai; rescue of the hero; Japanese literature; Musashi.

Introdução: o épico na Literatura Japonesa

É possível pensar o épico nas obras literárias no Japão moderno (a partir de 1868)? Ou ainda, há obras nipônica categorizadas no domínio do gênero literário épico? Talvez essas sejam os primeiros questionamentos e as perguntas pertinentes para iniciarmos este artigo.

Ao refletirmos quanto à estrutura do texto épico considerado tradicional, nos remetemos aos poemas de a *Ilíada* ou da *Odisseia*, de Homero. Contudo, as informações são escassas quando nos voltamos ao extremo Oriente e não há referências precisas se existem textos japoneses, cuja estrutura ou temática poderiam ser consideradas epopeias como as dos Gregos ou a saga poética de Camões em *Os Lusíadas*. Considerando sistemas econômicos, filosóficos, religiosos e desenvolvimento civilizatório diverso, a prática literária reconhecida como Gênero épico no Ocidente aparece no Japão do séc. XIII com características semelhantes, em *Heike Monogatari* (*Narrativas de Heike*) – narrativa em prosa que conta a batalha conhecida como *Dan no Ura*, ocorrida em 25 de abril de 1185. O mote do texto é o duelo entre os clãs *Heike* (*Taira*) e os *Minamoto* (*Genji*), que marcam o fim da Era Heian (794 -1185) – período considerado áureo para o desenvolvimento das artes clássicas, da escrita e ápice da nobreza - e início do Período Kamakura (1185 -1333) – momento no qual a categoria dos guerreiros ascendem ao poder e, com o militarismo, obtém controle totalitário do país.

Essa obra, compilada e construída a partir de histórias orais e com possível autoria atribuída à Yukinaga, ex-governador da região de Shinano, tem em sua essência a ascensão da classe dos *Samurai*, que aqui trataremos também como guerreiro, a disputa pelo poder territorial, político, judiciário e econômico do Japão e a decadência da nobreza japonesa. Apesar da autoria incerta, *Heike Monogatari* é a obra mais relevante sobre os fatos históricos que levaram a ascensão da família *Minamoto* ao poder, com Minamoto no Yoritomo proclamado *Sei Taishôgun* 征夷大將軍, título mais alto da classe *samurai*.

A pesquisadora Hellen Craig McCullough, escritora de *The Tale of the Heike*, 1988 admite que há propriedades similares entre o épico e *Heike*, porém contesta a integralização da obra japonesa ao sistema ocidental que defini o gênero literário ao qual a obra deve ser inserida.

Nós já notamos algumas maneiras pelas quais o *Heike* lembra um épico. A obra trata de um conto familiar, supostamente histórico, que lida com as classes superiores da sociedade e relata eventos importantes, muitos dos quais envolvem ações violentas. A dicotomia de senhor-vassalo é uma relação social básica, as virtudes heroicas são celebradas, e uma morte gloriosa em batalha é causa suprema de celebração. O estilo é dramático, com cenas predominando sobre sínteses e um uso extensivo de diálogo; a estrutura é aparentemente vaga; o tom é sério e digno; o modo de apresentação é oral. Mas também há pontos divergentes. A forma do épico é a poesia; *Heike Monogatari* é uma prosa. O épico, embora não trate exclusivamente de assuntos heroicos, contém relativamente poucos episódios 12 amorosos, descrições da natureza e outros elementos românticos; *Heike Monogatari* contém muitos. O épico foca na classe militar; *Heike Monogatari* se foca tanto nos guerreiros quanto nos aristocratas urbanos, e o narrador, de quem o ponto de vista é basicamente aquele de um habitante da cidade, se mostra pelo menos tão interessado na capital, na sua vida e no seu bem-estar quanto no orgulho e coragem dos guerreiros individuais nos campos de batalha. Valores heroicos coexistem, e às vezes colidem, com aqueles da corte Heian. No épico, o desejo pela fama quase sempre se encontra expresso nos atos heroicos; no *Heike Monogatari*, proficiência em poesia e música são considerados meios igualmente eficazes para se atingir a notoriedade (MCCULLOUGH, 1988, pp. 473-474, APUD OLIVEIRA, J. 2013).

Ainda que McCullough aponte fatos divergentes entre o épico grego e *Heike Monogatari*, não há dúvidas de que podemos considerar a dimensão plural do termo “épico” para referenciar obras como essa. Afinal, em termos gerais, em *Heike* também temos o percurso do herói mítico, a documentação de eventos históricos e a construção da representatividade cultural da figura dos guerreiros. João L. de Oliveira, reflete em seu trabalho intitulado *Heike Monogatari como exemplar do Gênero Épico e suas influências na Cultura Japonesa*, 2013, sobre a abrangência do termo e a pluralidade de formas adquiridas pela epopeia no século XIX, baseado na teoria de Richard P. Martin, em *Epic as a Genre*, de 2008.

Em suma, o processo que leva uma obra a se tornar um “épico” deve ser considerado como um evento social completo, que inclui, entre outros, interação com a audiência, música instrumental e gêneros sobrepostos. Seu potencial é imenso e ambicioso, tomando para si a tarefa de articular os aspectos sociais de uma cultura, das suas histórias de origem até ideais de comportamento, estrutura social, relação com o mundo natural e também com o sobrenatural. Martin, conclui, de forma brilhante, que o épico, como gênero, “proporciona uma ferramenta heurística para o aperfeiçoamento da comunicação intercultural, mas seu verdadeiro valor encontra-se na

capacidade de criar, através de gerações de artistas e audiências, harmonias maiores nas quais os pedaços da vida individual se encaixam e fazem sentido” (MARTIN, 2008, pp. 16-18).

Ou seja, a saga desse protagonista, desse herói assemelha-se aos da saga de poetas e protagonistas em busca da definição e da compreensão do espaço contemporâneo. As obras de Liev Tolstói ou os poemas de T. S. Elliot são exemplos desse repensar o épico. Sendo assim, podemos considerar a obra *Heike Monogatari* uma das, senão, a primeira expressão épica da Literatura Japonesa.

A batalha emblemática foi tema de pinturas, que retrataram a guerra entre os dois clãs. A seguinte ilustração da batalha *Dan no Ura* pinta em detalhes o deslocamento, a movimentação dos exércitos e o embate final. Em *Heike Monogatari*, mesmo que não utilize o poema como estrutura, a sua transmissão oral se assemelha o lirismo para narrar esse episódio, consagrando Morimoto no Yoshitsune como o herói estratégico, comovente e exímio guerreiro.



Fig. 1 A Batalha de Heike. Autoria desconhecida¹.

Em referência ao período grego, Octavio Paz explica o diálogo que se estabelece entre poesia e história, no qual a expressão da sociedade e a condição para sua existência se entrelaçam no contar, através da construção da linguagem. Dessa forma, mesmo que *Heike Monogatari* não seja enquadrado, tipicamente, aos moldes da forma

¹ Fonte: <https://www.agsa.sa.gov.au/collection-publications/collection/works/battle-scenes-from-the-tale-of-heike-heike-monogatari/23187/#gallery-1>, 29/12/2019.

épica clássica, o contar o passado construiu e afirmou o Samurai, a sua jornada aos moldes das epopeias gregas.

As palavras do poeta, justamente por serem palavras, são suas e alheias. Por outro lado, são anteriores a toda a data: são um começo absoluto. Sem o conjunto de circunstâncias a que chamamos Grécia não existiriam nem a *Iliada* nem a *Odisseia*; mas sem esses poemas tampouco teria existido a realidade histórica que foi a Grécia. O poema é um tecido de palavras perfeitamente datáveis e um ato anterior a todas as datas: o ato original com que principia toda história social ou individual; expressão de uma sociedade e, simultaneamente, fundamento dessa sociedade, condição de sua existência (PAZ, 2009, p. 52).

Ao confirmar a existência de escritos com aspectos, forma e representatividade histórica do gênero literário épico na cultura nipônica, possibilitamos o estudo aprofundado de outra obra ícone: *Musashi* (1935 -1939), de Eiji Yoshikawa (1892-1962). Objetivo deste artigo, a obra de Yoshikawa reafirma e delinea a figura mítica do guerreiro, romantizada e aprimorada aos moldes do manual de conduta *Hagakure*, escritor por Tsunetomo Yamamoto (1659 – 1719). A pintura de Utagawa Yoshizaku delinea e reforça a idealização desse “homem” imaginado, transformado em herói, quase inumano, mas, ao mesmo tempo, historicamente validado e real.



Fig. 2 A Batalha de Dan no Ura, Utagawa Yoshikazu (1850-1870)².

² Fonte: https://www.toshidama-japanese-prints.com/item_606/Yoshikazu-The-Battle-of-Dan-no-Ura-of-1185.htm, consultado em 29/12/2019.

Assim, a fim de apresentar o estudo sobre o resgate do herói, faremos um histórico, que nos remete novamente à *Heike Monogatari*, no que faz jus à construção emblemática do *samurai* como um mito e, em seguida fazer o resgate da reflexão teórica sobre a jornada do herói de Joseph Campbell para, enfim, refletirmos quanto à necessidade de outros estudos sobre o épico na literatura japonesa.

Samurai: o mito

武士道と云は死ぬ事と見付けたり

O caminho do guerreiro é encontrado na morte

Hagakure

Ao pensarmos a literatura e a cultura japonesa, para nós ocidentais, é crível afirmar o *samurai* como a figura heroica da Nação. Coloco aqui em letra maiúscula, pois esse guerreiro idealizado foi e ainda é utilizado para caracterizar o indivíduo “perfeito”, o ser abnegado de valores frugais, correto ao extremo, propenso a ceder sua vida em prol do coletivo e cultivador dos 道 (dô) – caminho. Ou seja, esse sujeito percorre a jornada do herói – se afasta do mundo, faz a imersão de novos aprendizados e ressurgem - para atingir a consagração. Joseph Campbell, em *Herói de Mil Faces* (1949) afirma que “O herói é o homem da submissão autoconquistada. Mas submissão a quê? Eis precisamente o enigma que hoje temos de colocar diante de nós mesmos. Eis o enigma cuja solução, em toda parte, constitui a virtude primária e a façanha histórica do herói” (CAMPBELL, 1989, p. 12). No caso dos guerreiros, a frase que inicia esse subitem é um excerto da obra *Hagakure* e é a máxima a ser seguida pelos guerreiros. Esse sentimento de total desprendimento é derivado da vivência budista no século XII: o *mujô* – 無常 ou a impermanência, a efemeridade das coisas. No capítulo 2 de *Heike Monogatari*, Norimori ressalta esse sentimento de desprendimento às questões mundanas, além de afirmar como a morte é honrosa para àqueles que seguem o caminho do guerreiro – o *bushi*.

“A mortificação de Norimori ao receber esta mensagem refletia em seu rosto. “Eu estava pronto para dar a minha vida pela dele em mais uma batalha de Hôgen e Heiji, e pretendia ser o primeiro a defendê-lo contra tempestades futuras”. “Posso ser velho, mas sou pai de muitos filhos pequenos que certamente podem ser de grande ajuda para o clã. Se Kiyomori ainda se

recusa a me deixar a custódia de Naritsune por um tempo, deve ser porque ele suspeita que eu não seja honesto. Por que eu deveria permanecer no mundo se ele me considera indigno de confiança? Simplesmente me desculpo agora, faço votos budistas, retiro-me para alguma montanha distante e luto de todo o coração pelo esclarecimento na próxima vida. Não há nada a ganhar fazendo parte da sociedade. Quando um homem vive no mundo, ele adquire desejos, quando seus desejos são frustrados, ele adquire mágoas. A melhor coisa que ele pode fazer é retirar-se e seguir o verdadeiro caminho". *Heike Monogatari*, Capítulo 2 (MCCULLOUGH, 1988, p. 72)

Ao refletir o termo "cultura" discutido por Terry Eagleton em *A ideia de Cultura* (2000), esse guerreiro idealizado e concretizado no manual *Hagakure*, no controle do Estado pela classe *samurai* durante sete séculos, na representação do espírito do povo japonês durante a Segunda Guerra Mundial e, mais recentemente, nas produções da cultura POP como os Mangás e os Animes, deve ser entendido como produto entre a dualidade da constituição do eu naquele momento em que foi descrito, ou seja, em fatos verídicos e as observações construídas a partir da ideia cultivada, às vezes imaginada, às vezes orquestradas para descrever a si mesmo. Isto é, "A cultura é, assim, uma questão de autodomínio tanto quanto de auto-realização" (EAGLETON, 2000, p. 16). Então, quando nos referimos ao *samurai*, devemos considerar os fatos históricos que marcam a presença real de controle máximo e autoritário da classe até o início do Período Moderno, em 1868, e o imaginário, que construiu o mito, o herói.

Para refletirmos sobre o *Samurai* como mito, devemos considerar três pontos utilizados como ferramenta de controle do Estado, como forma de identificação nacional e como sustentação da estrutura social japonesa: o código de conduta do samurai; o Zen e o Confucionismo. Apenas como breve explicação, o Zen se refere ao já citado mujô ou a constatação da efemeridade, a impermanência do material e do espiritual; o Confucionismo se refere à ordem natural do mundo, cuja hierarquia deveria ser seguida para se manter a paz e harmonia entre os seres. No artigo *O Pensamento no Período Edo* (1998), Madalena Cordaro Hashimoto discorre sobre essa hierarquia estrutural:

...se algo se caracterizou como porta-voz de um pensamento neoconfucionista, este foi o *bushidô*, centralizado nos deveres para com os senhores, sem conflitos com os sentimentos humanos, ou melhor, os sentimentos humanos se realizam na plenitude da lealdade devida a seus

superiores, numa metodologia de controle do instinto e até de autopreservação irracional... (HASHIMOTO, 1998).

Já no *Hagakure*, obra de Tsunetomo Yamamoto, escrito entre o século XVII e XVIII. temos uma espécie de manual do guerreiro, no qual descreve em curtos ditames os deveres, a “verdade” sobre o caminho do *samurai*.

O caminho do Samurai é encontrado na morte. Quando se trata de um ou outro, existe apenas a escolha rápida da morte. Não é particularmente difícil. Seja determinado e avance. Dizer que morrer sem atingir o objetivo é morrer a morte de um cachorro é a maneira frívola dos sofisticados. Quando pressionado com a escolha da vida ou da morte, não é necessário alcançar o objetivo (YAMAMOTO, 2012, p. 1).

Dessa forma, podemos afirmar que o *Samurai* como objeto é resultado da construção de sua representação histórica e mítica. Esses guerreiros não se resumem à uma classe social, são figuras idealizadas de afirmação de um povo, funcionando como figura catártica para o reconhecimento de si e do outro e, por fim, são símbolo de um caminho a ser percorrido. Pensando nesse sentido, percebemos a função essencial para a criação do *Samurai* como um mito. Meletínski, em *A Poética do Mito* (1987) discorre sobre a função do mito para garantir a ordem social, de uma maneira que a dualidade entre a natureza/espírito/fantástico e o concreto/humano sustentem o pertencimento do indivíduo em relação à sua função, ao seu objetivo no âmbito do coletivo, da Nação.

O mito explica e sanciona a ordem social e cósmica vigente numa concepção de mito, própria de uma dada cultura e explica ao homem o próprio homem e o mundo que o cerca para manter essa ordem; um dos meios práticos dessa ordem é a reprodução dos mitos em rituais que se repetem regularmente (MELETÍNSKI, 1987, p. 197).

Ou seja, a figura do *Samurai* ideal foi lapidada durante os séculos, transformando-se num ícone e, muitas vezes, na concretização do sujeito, como o resultado da harmonia entre o espírito e a carne.

Nos tempos que corriam, a casta dos samurais ou bushi, superior na escala social à dos agricultores, artesãos e mercadores, preocupava-se sobremaneira com a honra. Homens desta classe preferiam muitas vezes morrer a ter seus nomes maculados. Os governantes da época, até então premidos por incessantes guerras, não haviam ainda traçado uma política adequada para os tempos de paz e os cidadãos da cidade de Kyoto — e com

eles todos os outros — viviam sujeitos às leis da própria província, vagas e inadequadas. Todavia, o zelo dos bushi em preservar sua honra levava lavradores e mercadores a também valorizar a força do caráter, o que, em última análise, contribuía para a preservação da paz social. Deste modo governava-se o povo, compensando e até superando a legislação inadequada (YOSHIKAWA, 2001, p.163).

E, dentre a classe guerreira temos um personagem histórico que “dominou” todos os atributos dessa composição mítica homem/herói: Miyamoto Musashi (1584-1645), criador do *Kenjutsu* – arte marcial conhecida pela utilização de duas espadas, vivenciou batalhas como um bem-sucedido guerreiro, criou uma técnica até hoje praticada e, por fim, retirou-se da sociedade, desprendendo-se dos sentimentos mundanos. Musashi, de fato, foi um espadachim famoso e suas qualidades têm sido romanceadas na literatura, nos filmes, entre outros espaços midiáticos.



Fig. 3 *Miyamoto Musashi* (1846-1846), de Kuniyoshi Utagawa³.

Sua trajetória inspirou o livro *Musashi* (1999), escrito por Eiji Yoshikawa (1892-1962) entre 1935 e 1939, no folhetim *Asahi Shimbun*. É considerado um romance histórico, que narra a trajetória do *Rônin* (guerreiro sem clã) Miyamoto Musashi. Esta é

³ Fonte: <https://ukiyo-e.org/image/mfa/sc139785>, consultado em 29/12/2019.

uma obra, usualmente, analisada pelo viés da construção da identidade nacional, o chamado espírito guerreiro, ideologia norteadada durante a Segunda Guerra Mundial ou como o enredo que consagra o *Samurai*, porém, acrescento a importância de considerarmos a obra como exemplo do épico moderno da literatura japonesa.

O caminho percorrido pelo personagem Musashi se encaixa na saga do herói mítico, suas características são diferenciais entre outros indivíduos, sua vocação é circunstancial e sua transformação após um longo caminho de batalhas, reclusão e aprendizado conceitual, o coloca num patamar mais elevado dentre outros guerreiros.

Com quase um metro e oitenta de altura, Takezo era excepcionalmente alto e assemelhava-se a um veloz potro de raça. Tinha braços e pernas longos, lábios vermelhos e as espessas sobrancelhas, de traçado mais longo do que o normal, ultrapassavam o canto externo dos olhos conferindo-lhes determinação (YOSHIKAWA, 2001, p.21).

Percorreremos essa jornada seguindo a conceituação teórica de Joseph Campbell: a partida; a iniciação e o retorno do herói.

Musashi: o resgate do herói nipônico

2.1 A Partida

A trajetória de Musashi, antes conhecido como Shinmen Takezo, começa nos campos da batalha de Sekigahara ⁴. Vassalo do grupo derrotado, decide retornar à sua cidade, mas passa a ser perseguido.

Shinmen Takezo — filho do falecido Shinmen Munisai desta aldeia — com prévia ordem de detenção, foi visto transitando pelas estradas serranas desta região. Quem com ele cruzar deverá prendê-lo imediatamente, pois é um criminoso e assassino. Os seguintes prêmios serão concedidos: - a quem o capturar — 10 moedas de prata; - a quem o decapitar — 10 medidas de terra arável; - a quem denunciar seu esconderijo — 2 medidas de terra arável. No ano VI do Período Keichofaz saber, Clã Ikeda Terumasa (YOSHIKAWA, 2001, p. 64).

⁴ Em 21 de outubro de 1600, após um longo período de batalhas, Toyotomi Hideyasu foi derrotado por Tokugawa Ieyasu, que assumiu o posto de Xogun (posto mais importante da classe *samurai*). Hideyasu unificou o Japão e deu início ao Período Edo (1603-1868).

Mesclando fatos e personagens históricos com situações e encontros ficcionais, Yoshikawa cria a ambientação para o início da jornada de autoconhecimento de Musashi. Takezo, antes de se transformar em Musashi, depara-se com o monge que o aprisionará a fim de instruí-lo.

— Se doeu, é porque ainda lhe resta algo humano. Otsu-san, passe-me a corda ao seu lado. Por que hesita? Não percebe que Takezo já resolveu entregar-se a mim? Os laços com que vou amarrá-lo não são os laços da lei: são os laços da misericórdia. Não tem por que sentir medo ou pena. Vamos logo, passe a corda para cá. Amarrado e jogado ao chão, Takezo cerrara os olhos. Nada lhe teria sido mais fácil que repelir o monge — um safanão e o corpo de Takuan rolaria como uma bola. No entanto, jazia sobre a relva, inerte, pernas e braços estendidos, lágrimas correndo copiosas pelos cantos dos olhos (YOSHIKAWA, 2001, p. 89).

O leitor desconhece as reais intenções do monge, que suprime a força física de Takezo, como se estivesse resignado por sua condição subalterna em relação ao homem, símbolo do conhecimento e abnegação.

O mesmo se dá com a sua coragem: todas as suas ações, até agora, demonstraram temeridade, uma falsa coragem que deriva da ignorância. Não são atos de um ser humano, nada têm a ver com a verdadeira força de um bushi. O homem, o verdadeiro bravo, teme o que tem de ser temido, poupa e resguarda a vida — esta pérola preciosa — e procura morrer por uma causa digna. Percebe agora o que há de tão lamentável em tudo isso? Você veio ao mundo possuindo força física e firmeza de caráter, mas é inculto — aprendeu apenas o lado sombrio da arte guerreira, não procurou cultivar a sabedoria e a virtude. “Aperfeiçoar-se no duplo caminho das letras e das armas” — conhece a expressão? Mas que significa “duplo caminho”? Sem dúvida não significa que dois são os caminhos a serem percorridos em busca do aperfeiçoamento; significa, isto sim, que os dois caminhos, das letras e das armas, estão juntos e perfazem um único caminho. Compreendeu, Takezo? (YOSHIKAWA, 2001, p.106).

Segundo Campbell, sempre haverá um chamado, uma ruptura que levará o herói a se retirar da sociedade para cumprir uma série de ensinamentos.

Esse primeiro estágio da jornada mitológica que denominamos aqui “o chamado da aventura” significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma

ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico (CAMPBELL, 1989, p. 34).

Desse modo, a primeira etapa da jornada de transformação do homem em herói é o afastamento e, “para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos [...] (CAMPBELL, 1989, p. 39). Musashi tornou-se autodidata e passou a desafiar outros guerreiros, numa tentativa hipócrita de conquistar o reconhecimento com a queda do adversário. Sua arrogância foi interrompida quando encontra o monge Nikkan e, apesar de vencer a luta contra um de seus discípulos sente-se derrotado. O desconhecido paira sobre o futuro herói, mas sua contenção expressa alguma sabedoria. Em seguida, dar-se-á a iniciação.

— Perdi este duelo — murmurava Musashi enquanto se retirava caminhando pelo escuro bosque de cedros. Vez ou outra uma rápida sombra cruzava seu caminho: eram cervos que fugiam céleres, espantados por seus passos. “Sou superior fisicamente, sei disso, mas saí do templo com a nítida sensação de ter sido derrotado. Isso não prova que, apesar da vitória formal, na verdade fui derrotado?”, perguntava-se. Longe de sentir-se satisfeito com o próprio desempenho, caminhava cabisbaixo e absorto, censurando a cada passo o seu despreparo (YOSHIKAWA, 2001, p.222).

2.2 A Iniciação

Musashi é instruído por uma série de situações e objetos improváveis encontrados em suas viagens: a concentração total de um ceramista, os comentários cáusticos de um polidor de espadas a respeito da alma dos samurais, o caule de uma peônia enviada a Yoshioka por Yagyu Sekishusai, e mesmo sua escavação de terra. O mais dramático, porém, é a instrução sem palavras que ele recebe de um monge zen-budista chamado Gudo (WILSON, 2006, P.223-224).

Campbell afirma que a trajetória do herói é povoada de pessoas, situações das mais emblemáticas, tarefas árduas, caminhos tortuosos, cujos ensinamentos moldam pouco a pouco a capacidade intelectual, o corpo físico e a elevação espiritual. A cada encontro, Musashi se distancia dos demais indivíduos. O empenho anterior dispendido em batalhas e conflitos, cujo objetivo baseava-se apenas em sua arrogância, dá lugar a autoavaliação, consciência das consequências de suas atitudes.

Derrota/vitória, espírito/razão, o material/a arte, aprender/ensinar são algumas das reflexões determinantes para que o herói passe a reavaliar suas ações, valorizar o seu tempo-espaço e desprender-se do olhar difamador, julgador do outro para, assim abrir espaço de um novo caminhar. Campbell afirma que o herói trilha esse caminho para a “purificação do eu”, mudando as concepções conscientes que nos impulsionam de acordo com interesses próprios para, então, provar que ele pode juntar os retalhos e se transformar.

E assim é que se alguém em qualquer sociedade assumir por si mesmo a tarefa de fazer a perigosa jornada na escuridão, por meio da descida, intencional ou involuntária, aos tortuosos caminhos do seu próprio labirinto espiritual, logo se verá numa paisagem de figuras simbólicas (podendo qualquer delas devorá-lo) (CAMPBELL, 1989, p. 58).

2.3 O Retorno

Após sua longa jornada, resta a última tarefa, a ação derradeira que demonstrará se Musashi atingiu o ápice espiritual e físico. Seu opositor, outro exímio espadachim de nome Kojiro o desafia. Diferente de suas primeiras batalhas, Musashi mostra-se contido, sem demonstrar a euforia pela vitória ou o desprezo pelo adversário. Numa luta rápida em termos temporais, mas compiladora em termos de aprendizado, Musahi derrota seu adversário mais temido.

Ele jazia de bruços a dez passos de distância. Com uma das faces contra a relva, empunhava ainda o cabo da espada com tenacidade. No rosto, porém, não havia traços de sofrimento. Nele se via que tinha lutado com todas as suas forças e estava satisfeito com o seu desempenho. A mesma expressão desprovida de arrependimento ou pesar costuma estar presente nos rostos dos que tombam depois de lutar com bravura. Musashi notou a faixa cor de ferrugem caída no chão e arrepioi-se. "Talvez nunca mais encontre um adversário deste nível...", pensou. Uma intensa onda de amor e respeito por Kojiro engolfou-o (YOSHIKAWA, 2001, p. 802).

Campbell explica que, com a disciplina espiritual, o herói renuncia a todas percepções mundanas, aos seus temores e renasce como um anônimo, pois não há mais barreiras e limitações.

O campo de batalha simboliza o campo da vida, no qual toda criatura vive da morte de outra. Uma percepção da inevitável culpa que o viver envolve pode deixar o coração tão amargurado que, tal como Hamlet ou Arjuna, podemos nos recusar a prosseguir. Por outro lado, tal como a maioria, podemos inventar uma falsa auto-imagem, em última análise injustificável, que nos eleve a um fenômeno excepcional no mundo e à condição de um ser isento de culpa ao contrário dos outros seres, que se acha justificado, em seu

inevitável pecar, pelo fato de representar o bem. Um tal farisaísmo leva à incompreensão, não apenas de si mesmo, como também da natureza do homem e do cosmo. O alvo do mito consiste em dissipar a necessidade dessa ignorância diante da vida por intermédio de uma reconciliação entre consciência individual e vontade universal. E essa reconciliação é realizada através da percepção da verdadeira relação existente entre os passageiros fenômenos do tempo e a vida imperecível que vive e morre em todas as coisas (CAMPBELL, 1989, p. 132).

Assim, *Musashi*, o herói se concretiza na abnegação e no desprendimento em relação às regras, estruturas que o aprisionavam e o limitavam como guerreiro, como homem e como espírito. A partir desse momento, *Musashi* passa a ser mito, a concretização dos três alicerces da estrutura do pensamento nipônico, personificada: o verdadeiro seguidor do caminho do samurai, o indivíduo desprendido das amarras sociais e o sujeito que reconhece seu espaço e seu “devido” lugar dentro da sociedade.

Considerações finais

O presente trabalho se propôs a apresentar o gênero literário épico como expressão artística existente no Japão. Discorreremos sobre a compreensão fundamental de que nem sempre a estrutura dos textos segue os moldes clássicos das poesias gregas, mas, encontramos outras características similares que modificam a abordagem dos estudos épicos em textos variados. Ainda, ponderamos sobre o mito e a formação da simbologia do samurai, desde *Heike Monogatari* até novos conteúdos midiáticos. E, por fim, refletimos sobre a teoria da jornada do herói, apresentada por Joseph Campbell.

Musashi apresenta mais do que o herói épico, ele resgata as origens de um povo e reafirma o sujeito idealizado nipônico. Esse indivíduo arquitetado foi construído durante a pré-Segunda Guerra Mundial e marca, pela popularidade do folhetim, o interesse e admiração criada pela figura do guerreiro. Desta forma, penso que a obra vai além da representação de uma personagem mítica, seu texto tem a funcionalidade crítica de moldar a identidade dos japoneses e construir pontos de diálogo entre a visão do outro sobre si. Ou seja, proporcionar um olhar do Japão ao Ocidente. Assim, acredito na relevância em expandir os estudos épicos na literatura japonesa, a fim de expandir os caminhos para a compreensão da construção social através dos textos como *Musashi*.

Referências bibliográficas

- BENEDICT, Ruth. **O Crisantemo e a Espada**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1989.
- CORDARO, Madalena N. Hashimoto. *O Pensamento no Período Edo (1603-1868)*. In: **Estudos Japoneses**, número 18. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, 1998.
- EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Lisboa: Actividades Editoriais, 2000.
- MARTIN, Richard P. Epic as Genre. In: FOLEY, John M. (editor). **A companion to ancient epic** (Blackwell companions to the ancient world), 1ª ed. UK: Wiley-Blackwell, 2008.
- MCCULLOUGH, Helen C. **The Tale of the Heike**. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- MELETÍNSKI, Eleasar M. **A Poética do Mito**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- SCOTT, William W.. **O Samurai - A vida de Miyamoto Musashi**. Estação Liberdade, 2006.
- YAMAMOTO, Tsunetomo. **Hagakure: The book of the Samurai**. Boston: Shambhala Publications, 2012.
- YOSHIKAWA, Eiji. **Musashi**. Trad. GOTODA, Leiko. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, volume 1.
- _____. YOSHIKAWA, Eiji. **Musashi**. Trad. GOTODA, Leiko. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, volume 2.

Referências de sites eletrônicos

- Figura 1: <https://www.agsa.sa.gov.au/collection-publications/collection/works/battle-scenes-from-the-tale-of-heike-heike-monogatari/23187/#gallery-1>, 29/12/2019.
- Figura 2: https://www.toshidama-japanese-prints.com/item_606/Yoshikazu-The-Battle-of-Dan-no-Ura-of-1185.htm, consultado em 29/12/2019.
- Figura 3: <https://ukiyo-e.org/image/mfa/sc139785>, consultado em 29/12/2019.